

Caixa Didática

ARQUEOLOGIA

TEXTO DE APOIO
PARA O PROFESSOR



museu de
arqueologia
e etnologia
UFPR



Caixas
Didáticas
do MAE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca



Vice Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró Reitor de Extensão e Cultura

Rodrigo Arantes Reis

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR

Diretora MAE-UFPR

Laura Pérez Gil



Vice Diretora MAE-UFPR

Bruna Marina Portela

Equipe MAE-UFPR

Ana Luisa de Mello Nascimento

Bruna Marina Portela

Dorila Rosane de Paula Rodrigues

Douglas Fróis

Fábio L. G. Marcolino

Gabriela de Carvalho Freire

José Antonio Miquilino Barbosa

Laura Pérez Gil

Liliana Porto

Luiz César Rodrigues

Renata Cecília Cherobim Rugillo

Renata Simone Domit de Arruda

Regiane Pelaquini

Sady Pereira do Carmo Jr.

Tamara Fernanda C. Evangelista

Wesley Ventura

PROJETO DE REDESIGN DAS CAIXAS DIDÁTICAS DO MAE

Coordenação do Projeto

Tamara Fernanda C. Evangelista



Arte da Adesivagem

Sofia Witzler

Diagramação do Texto de Apoio

Tacila Fernanda C. Evangelista

Revisão da Diagramação

Maria Eduarda Rodrigues

Fotos do Catálogo

Douglas Fróis

Texto do Caderno

Mateus Vitorino

Gustavo Pitz

Revisão

Gabriela de Carvalho Freire

Consultoria

Sady Pereira do Carmo Jr.

C a i x a D i d á t i c a

ARQUEOLOGIA

Esta Caixa apresenta o trabalho de um **arqueólogo** e os variados tipos de **vestígios arqueológicos** encontrados no Litoral Paranaense, em diferentes períodos, com ênfase principal nas particularidades do **Sambaqui**.

Ela traz conceitos como **escavação, datação de materiais, técnicas e manufatura de materiais líticos**, dentre outros.

O material explica como organizar os artefatos encontrados de acordo com os diferentes **materiais de que são feitos**, e os **períodos históricos** a que pertencem.

Dentro referencial curricular do Paraná para o ensino Fundamental 1, a Caixa Arqueologia pode ser usada no ensino de História dentro da proposta da Unidade Temática "Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos" do 4 ano.

(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.

(EF04HI02) Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc).

The background is a dark, textured surface with various objects scattered across it. In the upper right, there is a crumpled piece of white paper. Below it, a knife with a dark handle and a silver blade lies on a brown, curved object. To the left of the knife, there is a small, white, bone-like object. In the lower right, a human skull is visible, facing left. The skull is white with dark eye sockets and a dark mouth. The overall scene is dimly lit, with a focus on the skull and the knife.

TEXTO DE APOIO

O QUE É ARQUEOLOGIA?

A Arqueologia, do grego «*arqué*», que significa antigo, e «*logos*» que significa estudo, tem sido muitas vezes associada à caça de tesouros perdidos ou escavações de ossadas de dinossauros. Esta ciência, na verdade, compreende o **estudo das sociedades humanas** por meio da **Cultura Material**, ou seja, pelos objetos, artefatos ou modificações no ambiente feito por pessoas.

Portanto, a Arqueologia não estuda fósseis ou dinossauros (quem estuda esses temas são os Paleontólogos), pois esses animais já estavam extintos quando a espécie humana surge no planeta Terra! No caso da associação com “tesouros” de civilizações antigas, embora moedas e peças de ouro possam compor parte da cultura material de algumas sociedades, não constitui para o arqueólogo, o foco específico da sua pesquisa e sim mais um componente para se interpretar essas populações.

Portanto o objetivo da Arqueologia é mais amplo, é compreender os modos de vida e a história de diferentes povos, seus sistemas e dinâmicas culturais, relações com o meio ambiente, simbolismos, religiosidade e tecnologia. Vemos nas coisas, um informativo dos universos sociais, simbólicos e econômicos das sociedades, seja no passado remoto ou no presente.

Essa Cultura Material acabamos por chamar de vestígios arqueológicos (ou registro arqueológico) que podem compor uma infinidade de coisas, como utensílios, ferramentas, fogueiras, construções, estradas, pinturas e até a paisagem.

Praticar arqueologia constitui uma atividade científica por vezes bastante trabalhosa e minuciosa, mas recheada de mistérios e de conhecimentos multidisciplinares.



A CULTURA MATERIAL COMO VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

Os vestígios arqueológicos mais conhecidos constituem objetos ou fragmentos de objetos, utensílios, ferramentas, etc., chamados de artefatos. Correspondem a tudo que foi transformado, produzido, adquirido, consumido e descartado por uma sociedade. Os tipos de vestígios arqueológicos comumente encontrados são:

- Materiais feitos de pedra (ferramentas, pontas de projéteis, batedores);
- Materiais feitos de cerâmica (vasilhames, urnas, esculturas);
- Vidros, louças, alguns metais;
- Carvão de fogueiras e vestígios orgânicos queimados;
- Ruínas de construções de pedra, barro, tijolos, etc.;
- Pinturas e gravuras rupestres.

Entretanto, a Arqueologia não se preocupa apenas com artefatos, mas também com uma série de outros elementos e fenômenos para compreender toda a complexidade das culturas humanas, como os aspectos da flora e fauna que acompanham a cultura material, topografia e elementos da paisagem, aspectos paleoambientais, processos geológicos envolvidos como o "soterramento" gradual de um sítio arqueológico e até mesmo documentos escritos quando disponíveis. Vestígios arqueológicos podem compreender diversas classes de materiais, pois podem compor tudo que as populações humanas produziram, modificaram ou perceberam no ambiente. Dessa forma, a materialidade em todas as suas formas representam o objeto de estudo da Arqueologia, que, por meio dela, constituem um conhecimento científico sobre as sociedades. Raramente os artefatos aparecem isoladamente.



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

O sítio arqueológico é uma categoria analítica para as pesquisadoras e pesquisadores e é definido de acordo com os objetivos da pesquisa. Normalmente considera-se o sítio arqueológico como o local (ou locais) onde se encontra cultura material. Ou seja, locais onde existem objetos, fogueiras, ruínas, feições no terreno ou quaisquer outros vestígios formados a partir da ação (intencional ou não) de pessoas, por meio de atividades realizadas no meio social ou modificações promovidas no meio natural.

Um sítio pode ser fruto tanto de um local de fabricação de objetos (fragmentos de cerâmica, ferramentas líticas, fábricas), como de espaços de socialização de certa população (fogueiras, sambaquis, construções e cemitérios, por exemplo). Entretanto, para se caracterizar um sítio arqueológico, é necessário que essa cultura material esteja em conjunto, e não de maneira isolada. Dessa forma, é delimitada uma área representante ao sítio, na qual são feitas escavações e/ou investigações seguindo regras e pressupostos arqueológicos.

Encontrada essa coletividade de cultura material, ela permite identificar contextos sociais e modos de vida dos povos em análise, algo que não é possível pelo estudo de somente um objeto. Associações, comparações, contraposições, ligações entre os vestígios permitem, assim, aquela estruturação supramencionada de uma sociedade, bem como de suas mudanças no decorrer do tempo, por meio do trabalho arqueológico. Não se trata do resgate de uma cultura tal qual ela fora, pois é impossível recuperar todos os seus aspectos, entretanto, é uma representação parcial da mesma, cuja interpretação é bem variada, de acordo com as premissas teóricas e metodológicas de cada arqueóloga ou arqueólogo.



Existem vários exemplos de sítios arqueológicos, tais como: áreas de aldeias indígenas abandonadas, montículos (elevações construídas com terra), sambaquis, oficinas líticas (confecção de materiais de pedra), cavernas contendo sepultamentos humanos, pirâmides (como no Egito), ruínas de casas coloniais, centros históricos de cidades, entre outros.



Segundo a LEI No 3.924, de 26 DE JULHO DE 1961:
art 2º consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

SAMBAQUIS

Sambaqui é uma manifestação cultural indígena que ocorreu em quase todo litoral brasileiro. São colinas formadas ao longo do tempo, por meio de um acúmulo intencional de vestígios alimentares e restos de habitações, fogueiras, objetos, instrumentos, adornos de pedras lascadas e polidas, ossos, dentes, conchas e sepultamentos humanos. O Sambaqui, portanto, não é construído de uma só vez, mas é o resultado de anos e anos de atividades sócio-culturais naquela paisagem.

Os Sambaquis são encontrados desde o litoral Amazônico, passando pelo Nordeste (onde são raros) até o Rio Grande do Sul. No entanto, a maior concentração localiza-se entre o litoral dos estados do Rio de Janeiro e Santa Catarina. Constituem desde pequenos montes de 2 metros de altura até verdadeiras montanhas de 30 metros de altura e 400 metros de extensão. Os mais antigos, situados no Vale do Rio Ribeira, no estado de São Paulo, podem chegar a 10.000 anos.

Uma das hipóteses sobre a função de sua construção é a de que alguns Sambaquis representariam marcos territoriais para essas antigas sociedades, já que estariam dispostos em áreas baixas, próximos às baías e praias costeiras. Existem também os Sambaquis essencialmente cerimoniais, com uma grande quantidade de sepultamentos humanos e vestígios ligados a rituais. Contudo, os sambaquis poderiam ser o receptáculo de várias atividades ao longo do tempo, desde questões simbólicas e religiosas a questões funcionais.

As datações mais recentes para as populações sambaquieiras, que manifestam esse tipo de arquitetura, perdura a até pelo menos mil anos atrás, já com interações com vestígios de outros grupos advindos do interior.



TECNOLOGIA CERÂMICA

Nesse ponto estamos falando especificamente da cerâmica de potes, vasilhames, revestimentos, urnas funerárias e até esculturas. essa tipologia de material compreende tudo que foi feito em argila e posteriormente queimado.

O potencial interpretativo que o estudo da tecnologia cerâmica permite é imensurável. Os utensílios cerâmicos estão relacionados a funções cotidianas coletivas (como o preparo de alimentos, cozimento e estocagem), e podem estar igualmente vinculados a usos específicos e restritos a determinados grupos de indivíduos (como o comércio e/ou troca de bens, rituais, etc...). Dessa forma, além de compreender o modo segundo o qual os objetos de cerâmica são fabricados e materiais utilizados, resgatando uma característica cultural específica, é possível entender toda uma dinâmica cultural a partir da interpretação da finalidade da cerâmica.

TECNOLOGIA LÍTICA

Compreende todos os utensílios produzidos em pedra e o conjunto material e cultural relacionado com o seu fabrico (técnicas, materiais utilizados para confecção, finalidades dos objetos produzidos e modos de fabricação dos mesmo). Devido à resistência aos fatores do tempo, em grande partes das vezes as indústrias líticas se apresentam enquanto única forma para o estudo de sociedades ancestrais. Adquirem, por isso, uma importância crucial no processo de conhecimento das realidades passadas na sua dimensão tecnológica, econômica, simbólica e social.



O estudo das indústrias líticas é um campo quase que autônomo de investigação arqueológica. Visa reconstituir não só os processos e as modalidades de fabrico das ferramentas das comunidades humanas do passado, mas também os processos de ensino-aprendizagem, escolhas sociais, tradições e economia de um povo.



The background is a dark, textured collage of various prehistoric and paleontological illustrations. At the top, a large, brown, scaly dinosaur is depicted in a dynamic pose. Below it, a trilobite is shown in profile. In the center, a human skull is rendered in a light, almost white color. To the right, a large, brown, curved object, possibly a fossil or a piece of ancient wood, is visible. At the bottom, there are several smaller, light-colored objects that look like fossilized bones or shells. The overall color palette is dominated by dark browns, greys, and muted greens, with the central text box providing a stark white contrast.

ATIVIDADES

ATIVIDADE 1: ARQUEOLOGIA NA CAIXA

Como vimos no Texto de Apoio do Professor, o trabalho dos arqueólogo(a)s consiste em, a partir da análise dos objetos escavados, criar uma interpretação sobre determinada cultura. A partir disso, o professor pode incentivar os alunos a trabalharem como arqueólogas e arqueólogos da seguinte forma: a partir do contato dos alunos e das alunas com o objeto da caixa, fazer com que eles criem uma interpretação sobre o funcionamento de uma sociedade imaginária, inserindo em sua análise esses objetos e suas respectivas funções. Não é necessário que a função do objeto seja igual àquela descrita no catálogo. O ideal é que as descrições criem ambientes coerentes e que reproduzam as partes de uma sociedade.

Essa atividade pode ser feita em grupos, e o produto final dela pode ser escrita em uma folha de papel a ser entregue ao(à) professor(a).

Exemplo:

Uma sociedade X utiliza instrumentos de pedra lascado, como os fragmentos de quartzo, para caçar e cortar objetos ou a própria caça. Sendo assim, essas pessoas muita carne associada a sua dieta. representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

Para conseguirem comer cereais ou vegetais, utilizam das mãos-de-mó para moer esses alimentos. A caça pode ser praticada por um grupo da sociedade, enquanto o plantio, a colheita e a tratamento de alimento podem estar associado a outro. Ou mesmo associados a um mesmo grupo, que tem áreas de atividades diferentes (tratamento da caça e produção de alimentos vegetais) em locais diferentes, o que resultaria em 2 sítios diferentes.



ATIVIDADE 2: REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

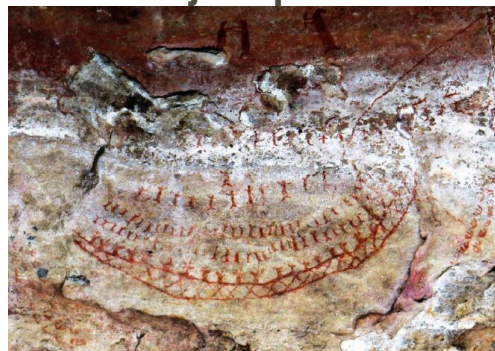
Uma das muitas manifestações da cultura material que a arqueologia estuda é a pintura rupestre, que é uma das primeiras formas de manifestação intencional que o ser humano desenvolveu. Nesse exercício tentaremos colocar o(a) estudante na pele daqueles que viveram a milhares de anos e reproduzir algumas pinturas feitas naquela época. Considera-se as representações rupestres como um tipo de linguagem simbólica organizada, uma forma de comunicação que perdurou através do tempo. As pinturas e gravuras são reflexo da identidade cultural da população que as produziu, uma expressão dos simbolismos dessa sociedade.

No Paraná, as pinturas são as representações mais comuns, mas também existem gravuras em baixo e alto-relevo. Existem muitas pinturas relacionadas a figuras humanas e cervídeos, montando cenas em que aparecem muitos motivos geométricos, todos monocromáticos, em geral em tons de vermelho.

Primeiramente peça para os estudantes produzirem algumas das imagens a seguir, incentive-os a imaginar a cena retratada e relacioná-la com o conteúdo da aula. Por fim, peça aos alunos para pensar como era a vida na época a partir das imagens pintadas. A partir disso, peça-os para pintar outra cena, uma que possa ter ocorrida naquela época.

Materiais:

Para realizar a atividade precisaremos de tinta (pode ser guache ou giz de cera vermelho/marrom), um suporte para pintar (papel ou caso possível, uma pedra com uma superfície mais lisa) e dedos, pincéis velhos, gravetos ou qualquer outro objeto para utilizar



ATIVIDADE 3: JOGO DO ARQUEÓLOGO

Os arqueólogos se especializam em estudar a vida de civilizações antigas por meio da cultura material. Por isso propomos um jogo em que os alunos recriarão uma civilização por meio de cartas.

Primeiramente será necessário dividir a turma em grupos de até oito estudantes. Distribua a cada grupo um baralho. O jogo começa com um(a) estudante pegando uma carta e anunciando o que ele(a) acha que o objeto mostrado na carta representava naquela sociedade, qual era sua função, entre outras idéias que ele possa ter. Depois, o(a) próximo(a) estudante pega outra carta e também diz para quê o objeto na carta serviria para a civilização estudada, tentando relacioná-lo com o objeto da carta anterior.

Objetos Estranhos:

Como no trabalho do arqueólogo, às vezes serão encontrados objetos diferentes do que normalmente se encontraria no sítio. Objetos como lixo moderno, ferramentas estranhas ao período, outros objetos que alguém enterrou por ali, restos mortais de animais, etc. Neste caso, o(a) aluno(a) deve notar que é um objeto estranho e tentar cunhar alguma explicação de como ele parou ali.





CATÁLOGO DE PEÇAS



Fragmento de instrumento lascado:

Como vestígios mais numerosos nos sambaquis, as rochas desempenham um papel importantíssimo, sendo utilizada para as mais diversas funções.

Nesse caso temos um artefato em diabásio (rocha comum no litoral) lascada bifacialmente com gume convexo e abrupto, esse artefato não era utilizado para fins delicados, devido às marcas de impacto em todo decorrer do gume.



Lâmina de machado:

As lâminas de machado podem ser lascadas, picoteadas e/ou polidas, e servem para os mais diversos usos, como cortar arvores, bipartir um tronco, ser objeto ritualístico, usado como adorno etc...

A lâmina representada ao lado polida de pequenas dimensões, possivelmente utilizada para trabalhos que necessitam de uma maior precisão.



Detrito de Quartzo:

Esse tipo de rocha é utilizado para confecção de artefatos para as mais distintas funções, como raspar, cortar e furar.

Outro uso bastante comum é na fabricação de cerâmica, como antiplástico.



Lâmina de machado:

Lâmina semi-polida de pequenas dimensões, possivelmente utilizada para trabalhos que necessitam de uma maior precisão em detrimento à força.

**Lasca de Quartzo:**

Esse tipo de rocha é utilizado para confecção de artefatos para as mais distintas funções, como raspar, cortar e furar.

A peça se trata de uma lasca de quartzo lascada com percussão bipolar.

**Mão-de-mó:**

A presença de mós e mãos-de-mó em sítios arqueológicos constitui um vestígio do processamento de vegetais pelos habitantes daquele sítio. Constitui-se de duas pedras: a mão-de-mó e a pedra de moer. A mó é uma pedra de superfície plana ou ligeiramente côncava, pelo desgaste do uso, onde era colocado o vegetal a ser esmagado com pressões laterais ou pequenas batidas com a mão-de-mó.

Comumente encontrado em sítios de grupos horticultores.

**Conchas:**

As conchas designam um papel de suma importância para população construtoras dos sambaquis. Os moluscos fazem parte da dieta e as conchas fazem parte do material construtivo dos sambaquis, além de serem aproveitadas na elaboração de artefatos.

**Instrumental em ossos e dentes:**

Aproveitando os restos alimentares, os sambaquieiros reaproveitavam algumas partes para construção de artefatos, como espátulas, raspadores e perfuradores.

- Presa de mamífero (observar na pontinha algumas ranhuras causadas pelo uso);
- Esporão de arraia, lichada e possivelmente usada como ponta de projétil.



Material ósseo humano:

Os vestígios ósseos humanos nos fornecem uma grande quantidade de informações, como idade, sexo, alimentação, esforços físicos, simbologias, demografia etc.

- Dente;
- Fragmento de osso longo.



Ostra trabalhada:

Ostra foi trabalhada (furo) a fim de se obter um adorno ou instrumento (possível peso de rede). A ostra constitui boa parte de alguns sambaquis, além de oferecer uma grande quantidade de proteína.



Restos alimentares:

Os vestígios faunísticos encontrados nos informam algumas características sobre alimentação, economia e ambiente.

- Vertebra de cetáceo;
- 3 vertebrae de peixe (P,M,G);
- Placa faringiana de peixe;
- Costela de mamífero;
- Otólitos de peixes;
- Dentes de arraia;
- Esporão de arraia.



Carvão:

As conchas designam um papel de suma importância para população construtoras dos sambaquis. Os moluscos fazem parte da dieta e as conchas fazem parte do material construtivo dos sambaquis, além de serem aproveitadas na elaboração de artefatos.



Ostra trabalhada:

Produzida no Final do séc. XVIII, a faiança fina consistiu num esforço dos oleiros ingleses em produzir uma louça similar a porcelana - cujo método de produção era de domínio somente dos chineses. Foi a louça mais popular no Brasil no século XIX, a partir da abertura dos portos, em 1808. A variedade dos padrões decorativos e o preço acessível fez com que o consumo dominasse o mercado rapidamente.

PAÇO MUNICIPAL DE CURITIBA:

- borda plana de prato com decoração shell edged vermelho, produzido entre 1825-1891;
- borda ondulada com incisões curvilíneas shell edged verde, produzida entre 1795-1845;
- fragmento de malga com decoração true spatter vermelho e verde, produzida de 1820- 1850;
- fragmento de travessa facetada decorada com a técnica transfer printing azul borrão;
- fragmento com decoração sponge azul e vermelho, fabricado de 1845-1930;
- fragmento de prato decorado com a técnica trasfer printing, padrão Willow.
- Baía de Paranaguá:
- fragmentos de pires fundo, decorado com faixas verdes;
- fragmento de prato decorado com a técnica carimbada, motivo floral.



Fragmentos cerâmicos:

As peças de cerâmica mais antigas foram encontradas na Tchecoslováquia, datando de 24,500 a.C. Peças assim também foram encontradas no Brasil na região da Floresta Amazônica com aproximadamente 8.000 anos. A capacidade da argila de ser moldada quando misturada em proporção correta de água, e de endurecer após a queima, permitiu que ela fosse destinada ao armazenamento de grãos ou líquidos, que evoluíram posteriormente para peças mais elaborados, com alças, com pedestal, decorações em relevo ou com pinturas. As cerâmicas podem nos informar significados representativos de diversos aspectos sociais, econômicos e simbólicos da população em estudo.

- Fragmento Tupi-guarani com decoração plástica ungulada (feita com a unha);
- Fragmento Tupiguarani com decoração pintada em motivos geométricos em branco e vermelho;
- Dois fragmentos com decoração plástica escovada, possivelmente gê;
- Pote fragmentado Itararé sem decoração.



REFERÊNCIAS E SUGESTÕES DE PESQUISA:

- PARELLADA, C. I. Arte rupestre no Paraná: novas discussões. Revista Tecnologia e Ambiente, v.21, n.1, p.45-69. Criciúma, 2015
- PROUS, André. Arqueologia Brasileira, Editora UNB, Brasília, 1992.
- Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 8: 287-294, 1998.
- ROSA, C.B; MARQUES, J.B; TACLA, A.B; MENDES, N.M. (Orgs.). A Busca do Antigo. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011.

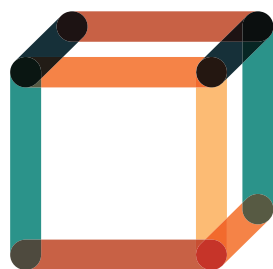
PROJETO DE RE-DESIGN DAS CAIXAS DIDÁTICAS:

As Caixas Didáticas do MAE são materiais lúdico-pedagógicos que vêm desde 2008 sendo utilizadas na missão de democratizar o acesso ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR para garantir a acessibilidade, uma vez que as peças são manipuláveis. São uma forma de levar o museu para além de seus muros, atingindo mais pessoas além do público que visita o Museu.

Entre 2019 e 2020, após uma pesquisa iniciada já em 2016, elas foram re-desenhadas para melhor atender o seu público com o apoio do Edital N.º 03/2019 - Fortalecimento de Atividades Contínuas de Extensão Universitária da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná.



Realizado pelos Programas de Extensão Universitária Ações Educativas e Difusão Cultural do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.



Caixas Didáticas do MAE



Conheça também as outras Caixas Didáticas do MAE!
www.mae.ufpr.br